Disponível em www.cartamaior.com.br

AGRICULTURA FAMILIAR

Seminário discute economia solidária e agroenergia

Encontro realizado em Maringá (PR) reúne agricultores familiares, assentados da reforma agrária, professores, estudantes e técnicos para discutir a expansão dos biocombustíveis no Brasil. Agricultores reunidos em cooperativas apresentam iniciativas de autogestão dos trabalhadores.

Maurício Thuswohl

MARINGÁ – O debate sobre a expansão dos biocombustíveis e suas relações com o meio ambiente e a produção de alimentos ganha força em todo o mundo. No Brasil, diante das possibilidades abertas pelo aumento da produção de etanol e pelo fortalecimento do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), os agricultores familiares procuram se preparar da melhor forma para integrar a nova cadeia produtiva de maneira organizada e, sobretudo, soberana frente ao poder do agronegócio.

Com o objetivo de discutir uma proposta de produção agroenergética e apresentar iniciativas de autogestão dos trabalhadores, foi realizado na quinta-feira (8) em Maringá (PR) o seminário Economia Solidária, Soberania Alimentar e Agroenergia. O evento foi organizado através de uma parceria entre a Unitrabalho, a Universidade Estadual de Maringá e o Sindicato dos Engenheiros do Paraná (Senge), e contou com a participação de agricultores familiares, assentados da reforma agrária, professores, estudantes e técnicos.

O seminário teve como convidados especiais o economista Paul Singer, que é secretário nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, e o coordenador nacional do MST, João Pedro Stédile. Também participaram dos debates representantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e do governo do estado do Paraná, entre outros.

Presidente da Unitrabalho, rede que atua em mais de 70 universidades em todo o Brasil, Francisco Mazzeo falou da importância da discussão travada no seminário: "A universidade tem um papel importante a cumprir na sociedade e não encontra um caminho para se aproximar dos trabalhadores. A Unitrabalho foi criada para fazer essa aproximação. Fazer junto com os trabalhadores, falar e ouvir. Aqui no Paraná, pode estar em gestação um modelo novo para o Brasil, mostrando como conciliar produção energética, produção de alimentos e economia solidária", disse.

Membro da direção regional do MST, João Flávio Borba ressaltou a necessidade de os trabalhadores rurais estarem preparados para as mudanças em curso na agricultura brasileira: "A aliança entre a soberania alimentar e a soberania energética só vai se constituir se houver luta, formação e organização no campo. Baseado nesse tripé, nós vamos conseguir construir uma proposta inovadora de produção energética", disse. O MST se fez presente no seminário com dezenas de militantes, oriundos das brigadas Salvador Allende, Sétimo Garibaldi, Zumbi dos Palmares, Santinho e Iracy Salete Strozake, entre outras da região.

Coordenador PNPB na Região Centro-Sul, Roberto Terra fez uma apresentação sobre o andamento do programa, a instalação da cadeia produtiva e as características das principais plantas oleaginosas que devem ser integradas à produção do biodiesel, como dendê, mamona, pinhão manso, canola, soja e girassol: "O MDA está empenhado nesse programa, que é voltado para a agricultura familiar, para a organização da economia solidária e para os processos de auto-sustentabilidade e desenvolvimento sustentável", disse.

Para Ulisses Kaniak, presidente do Senge, é fundamental fazer com que os agricultores familiares tenham maior conhecimento sobre a expansão da produção de biocombustíveis no Brasil: "Fala-se muito em bioenergia e biocombustíveis, mas o enfoque que se dá na grande mídia é pautado pelo interesse do agronegócio e voltado para as grandes culturas. É importante ter iniciativas vindas da agricultura familiar e dos camponeses, que sabem tratar a terra de forma a produzir alimentos e energia sem destruí-la. É preciso fazer esse debate em nível nacional, para que esse tipo de iniciativa seja mais comum, um começo rumo ao desenvolvimento sustentável e sustentado".

Herlon de Almeida, que é diretor da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná, afirmou que "o objetivo do governo estadual é fazer com que os agricultores familiares, os assentados e trabalhadores rurais se insiram no mercado, produzindo matriz energética e biocombustível". Para tanto, acrescentou, é preciso adotar os princípios da economia solidária: "Precisamos criar uma estratégia de comercialização que faça com que a maior parte da renda fique na mão de quem produz. Que os fundamentos da economia solidária passem a ter um papel muito mais importante do que têm hoje no país. É preciso chegar ao momento em que a água, o alimento e a energia estejam nas mãos de quem produz", disse.

Coordenador da região metropolitana de Maringá, órgão do governo do Paraná que engloba 21 municípios, João Ivo Caleffi anunciou a criação de um núcleo de economia solidária metropolitana em Maringá: "Precisamos criar alternativas para gerar emprego e renda, e eu vejo que o caminho é a economia solidária, que não segue o mercado, o capitalismo, segue o valor humano e a generosidade. Criamos feiras verdes, montadas todos os dias num bairro de Maringá, para vender diretamente produtos limpos. O poder público tem que estar ao lado dos excluídos, ao lado de quem precisa. É preciso coragem e direção política. A generosidade é o único caminho que nos resta".

Combate ao agronegócio

Após explicar que o MST prefere adotar o termo agrocombustível ao termo biocombustível, João Pedro Stédile saudou o evento e pregou a necessidade de se ampliar a discussão para todos os trabalhadores rurais do país: "Esse seminário certamente vai representar um marco, uma referência, para que outras regiões e outros estados do Brasil possam se animar a organizar esse tipo de debate e esse tipo de iniciativa em suas regiões. Estamos reunindo teoria e prática, numa reflexão para entender o que está acontecendo de verdade e qual é o projeto dos capitalistas, mas também queremos uma alternativa prática que possa ficar sobre o controle da classe trabalhadora brasileira, seja do campo ou da cidade".

Segundo Stédile, a elaboração coletiva e a aliança com outros setores serão fundamentais para fazer com que a expansão da agroenergia no Brasil não sirva, como em outros momentos da história, apenas para aumentar o poder do agronegócio: "Esse projeto só pode ser viabilizado se nós conseguirmos construir uma ampla aliança popular das várias forças políticas que representam a vontade do povo. Aliança que mescla o conhecimento dos trabalhadores, o conhecimento científico das inovações trazido pela universidade e os setores progressistas dos nossos governos, sejam os municipais, os estaduais ou o federal. Organizar os camponeses e as classes operárias nas cidades é o único caminho possível para se construir um caminho alternativo ao dos capitalistas e viabilizar nossa proposta de agroenergia", disse o dirigente do MST.

Paul Singer começou sua intervenção com um alerta: "A humanidade está esbarrando nos limites da natureza. Se não mudarmos, não haverá futuro". Segundo o economista, "a agricultura familiar têm agora importância que nunca teve" porque os agricultores se uniram em associações, cooperativas e sindicatos: "Os princípios das cooperativas são parecidos com o que chamamos de economia solidária, e resistem ao monopólio do agronegócio. Felizmente, no atual cenário da agricultura brasileira o agronegócio não é o único protagonista".

Segundo Singer, estudos realizados pela ONU comprovam a multifuncionalidade da agricultura camponesa e familiar: "A monocultura é a principal responsável pela perda de terra e água e pela nossa incapacidade de atender à demanda por alimentos. Hoje, vemos o uso dos agrotóxicos em várias extensões de terra. Não existe água disponível em vários lugares de terra arável. É preciso acabar com a agricultura capitalista mundial, com a monocultura, e fazer uma agricultura familiar em escala ecológica. Temos que mudar radicalmente a forma de produzir os nossos produtos", disse.

XX

SINGER E STÉDILE

"É preciso mudar as formas de produção e consumo"

Reunidos no seminário Economia Solidária, Soberania Alimentar e Agroenergia, realizado em Maringá (PR), Paul Singer e João Pedro Stédile falaram da crise no preço do petróleo e dos alimentos, da expansão dos biocombustíveis e dos projetos para a agricultura familiar.

Maurício Thuswohl

MARINGÁ – Os economistas Paul Singer (secretário nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho) e João Pedro Stédile (membro da coordenação nacional do MST), foram convidados especiais do seminário Economia Solidária, Soberania Alimentar e Agroenergia, realizado na quinta-feira (8) em Maringá (PR), numa parceria entre a Unitrabalho, a Universidade Estadual de Maringá e o Sindicato dos Engenheiros do Paraná. Frente a uma platéia formada por agricultores familiares, assentados, técnicos, professores e representantes do poder público, Singer e Stédile abordaram temas como biocombustíveis, aquecimento global, crise na produção de alimentos, alta do preço do petróleo e organização da agricultura familiar, entre outros.

Leia a seguir os principais trechos das intervenções de João Pedro Stédile e Paul Singer no seminário realizado em Maringá:

Contexto econômico da agricultura mundial

Stédile - Estamos em uma nova fase do capitalismo, na qual os setores mais dinâmicos de controle são os bancos e as grandes empresas transnacionais que controlam os ramos de produção em nível global. O neoliberalismo, em termos de modelo econômico, significa que agora as economias do mundo estão dirigidas pelos bancos e empresas, esse é o novo poder econômico dos capitalistas. Nos últimos 15 anos, o capital fez esse movimento de construir grandes empresas para dominar todos os setores da economia. Luz elétrica, telefone, transporte, fábricas, etc, está tudo sob o controle desse capital estrangeiro e internacional. Isso provocou grande mudança, pois nos últimos 15 anos as empresas passaram a controlar toda a produção agrícola mundial. Atualmente, não mais que 40 empresas controlam toda a produção de sementes, de fertilizantes químicos e de grãos, além do comércio desses grãos e da agroindústria (transformadora dos produtos alimentícios), ao ponto que hoje o preço dos produtos agrícolas não é mais determinado por cada agricultor em cada país, mas determinado pelo controle monopólico que essas empresas fazem em nível internacional.

As empresas manipulam os preços de acordo com seu interesse de manter sempre altas taxas de lucro. Essas empresas vieram para os países do terceiro mundo, se aliaram aos grandes produtores de terra e estes se subordinam a essa forma de produção agrícola. O capital entrou com a terra e com a espoliação do meio ambiente através da aplicação de altos índices de agrotóxicos e da produção intensiva. Além disso, o capitalista explora os trabalhadores rurais brasileiros. Os explora por um salário ridículo se comparado a Estados Unidos, Europa, México, etc. O agronegócio é a nova forma de o capitalismo controlar a produção. Não tem mais espaço para a agricultura familiar e camponesa, eles não precisam mais de nós, eles conseguem aumentar a produção de leite, soja, etc, sem os camponeses.

Estes, têm como opção ir para as grandes cidades ou aceitar políticas de compensação social recomendadas pelo Banco Mundial, como bolsa-família, bolsa-gás, bolsa-frango, etc. Isso fere a dignidade dos camponeses. É como se dissessem: os camponeses estão excluídos, mas não os vamos deixar morrer de fome.

Singer - Os alimentos começaram a subir em 2006. O que está acontecendo é que, em diversos países, a chamada classe **c** deixou de comer comida de milho e trigo para comer carne e laticínios. O consumo de carne no Brasil aumentou 70%, e o mesmo acontece hoje na Índia. Quando comemos cereais, nós comemos a planta. Quando comemos carne, consumimos as duas coisas, a carne e a planta, mas o problema é que precisamos de sete quilos de cereal para obter um de carne bovina. A demanda por alimentos subiu, e isso exige muito mais terra, sol, água e trabalho humano.

As pessoas querem ter o padrão de vida que a propaganda indica como sendo o padrão dos vencedores. Há escassez de alguns alimentos, e se pergunta por que não aumentar a produção. Deixar os alimentos escassos ao sabor do mercado é matar gente de fome. Já aconteceram motins por causa disso e outros acontecerão. Um exemplo é a revolta dos mexicanos com o aumento do preço da tortilha causado pela utilização do milho para produzir etanol. Essa crise é uma crise de fome, uma coisa que aparentemente havia sido eliminada. A ONU já fala que as Metas do Milênio para erradicar metade da fome no mundo podem voltar atrás. Se começarem a negar comida, os pobres vão ter que conseguir à unha, ou começar a saquear, como na Argentina. Recordo Celso Furtado e seus escritos clássicos sobre o mito do desenvolvimento. Se formos elevar o mundo ao padrão de consumo do americano médio, romperemos limites da natureza. Esse cenário, que Celso pintou em 1974, está se realizando em 2008.

Aquecimento global

Singer - Se nós quisermos ter uma vida mais longa e de maior qualidade, o padrão de consumo no mundo vai ter que mudar, inclusive para brasileiros, indianos e chineses. Teremos que fazer um só automóvel levar mais gente, criar bolsões de bicicleta e ciclovias, entre outras coisas. O aquecimento global deve ser contido o mais depressa possível. Todos temos algo a fazer, apesar de o aquecimento ter sido causado pelo uso irresponsável dos recursos naturais pelo grande capital. Teremos que voltar a uma dieta de cereais. Seremos condenados à fome se não mudarmos nossa forma de alimentação.

Stédile - Os problemas são tão grandes que a sociedade tem que tomar uma decisão: ou muda ou vai para o brejo. Alguns problemas ficaram mais claros e estão sendo mais bem percebidos pela sociedade. Em São Paulo, morrem no inverno 80 pessoas por semana de doenças pulmonares causadas pelos automóveis. Cientistas advertem que, se o aquecimento global aumentar mais, vai trazer um desequilíbrio na vida do planeta que pode levar inclusive a uma catástrofe do ser humano. Um grande problema é a falta de acesso à água potável para a maioria dos seres humanos. Setenta por cento da água potável do planeta é utilizada para irrigar o agronegócio e só 30% é destinada aos animais e às pessoas.

Petróleo e Biocombustíveis

Stédile - Vivemos o problema da escassez do petróleo, o preço sobe por efeito da especulação feita pelo capital financeiro que corre para comprar petróleo nas bolsas. Outro fator é que os três maiores produtores do mundo, que são Irã, Rússia e Venezuela, estão contra os EUA. Uma aliança entre as empresas petroleiras, automotivas e o mercado financeiro passou a estimular a produção de agrocombustíveis, como uma falsa forma de combate à poluição, para conseguir seus objetivos de manter a margem de lucro e a utilização do veículo individual. A produção de agrocombustíveis, por si só, não é solução. Não adianta combustíveis mais saudáveis se não trocar essa matriz de transporte individual. Agora querem usar a mesma terra para produzir os agrocombustíveis.

Os setores petrolífero, automotivo e do agronegócio vieram para o Brasil para produzir aqui, porque sol, água e terra não têm mais na Europa. Os capitalistas vieram com as malas cheias de dinheiro para comprar usina e terra e estimular a produção através do etanol da cana e do óleo vegetal da soja, na forma do agronegócio. Os produtores vão produzir e entregar para essas empresas levarem para o exterior. Nenhum país do mundo se desenvolveu explorando matéria-prima, e a expansão do etanol não vai significar isso para o Brasil. Estão construindo 67 novas usinas de álcool e vão passar de quatro para doze milhões de hectares de cana e etanol, que vai ser todo exportado.

Se acontecer mesmo dessa forma, a expansão do etanol será um enorme prejuízo para o povo brasileiro, provocando a desnacionalização das nossas riquezas naturais. O monocultivo da cana em Ribeirão Preto alterou a temperatura, o clima e o lençol freático da cidade. O etanol feito do monocultivo da cana altera o meio ambiente e, em longo prazo, traz as mesmas conseqüências do petróleo. Quanto mais tiver adubo químico, feito de petróleo, e agrotóxicos, mais vão aumentar as emissões. O agrotóxico glifosato tem três destinos: a terra, a água ou o nosso estômago. Em São Paulo, a cana já substituiu o feijão, o milho, etc. Em outros lugares, já está empurrando a pecuária para a Amazônia.

Na área de óleo vegetal, não estão interessados na exportação. Justiça seja feita, o Programa Nacional de Biodiesel foi criado para dar uma alternativa à agricultura familiar. Mas, até agora o programa não cumpriu seu objetivo original, que é produzir a partir de outros tipos de plantas, como mamona, mandioca, batata-doce.

Singer - A crise dos alimentos é causada pelo preço do petróleo, que está num patamar que ninguém poderia imaginar. Pela lógica do mercado, quando um produto fica escasso e a demanda cresce é preciso aumentar a produção. Mas, a produção não está crescendo, pois isso possivelmente não convém ao capital internacional. O petróleo hoje é um limite econômico para a expansão. Países que estão crescendo muito, como China, Índia e Brasil, estão transformando boa parte de sua população pobre em classe média. A chamada classe **c**, nos últimos anos, teve um crescimento espetacular nesses países.

O preço dos alimentos cresce muito, e isso tudo é causado pela demanda de petróleo. Tem muita queima e a produção não acompanha. O papel do capital financeiro é jogar com o aumento de preços, e já dizem que o barril de petróleo vai para 200 dólares. A especulação atual se intensifica porque também é interessante para as empresas e companhias de seguro comparem o petróleo agora, porque daqui a seis meses o preço do produto estará ainda maior.

Agricultura familiar e agroenergia

Singer – Estudos da ONU comprovam a multifuncionalidade da agricultura camponesa, da agricultura familiar. A monocultura é a principal responsável pela perda de terra e água e pela nossa incapacidade de atender à demanda por alimentos. Hoje, vemos o uso dos agrotóxicos em várias extensões, e não existe água em vários lugares de terra arável. Você não consegue fazer a monocultura sem usar muito agrotóxico. É preciso acabar com a agricultura capitalista mundial, com a monocultura, e fazer uma agricultura familiar em escala ecológica. Temos que mudar radicalmente a forma de produzir os nossos produtos.

O que a humanidade está pedindo é uma nova revolução agrícola, diferente da Revolução Verde sobre a qual se basearam os conceitos do agronegócio. O passado se tornou o futuro, e hoje aqueles que detiveram os conhecimentos da agricultura ecológica são a nossa esperança. A agricultura familiar hoje é mais rentável do que a agricultura quimificada. Os insumos ficaram muitos caros por causa do preço do petróleo. A agricultura familiar é menos nociva para o meio ambiente e mais segura para os trabalhadores do que o agronegócio. Estamos numa baita crise, mas nós sabemos o caminho para sair dela. Precisamos de políticas nacionais e internacionais que regulem a forma de usar o solo e a

água. Não é para outra geração, é para ontem. Os agricultores familiares são a nossa esperança.

Stéidile - Temos que implementar projetos da classe trabalhadora. É possível produzirmos agrocombustíveis de uma forma mais equilibrada no meio ambiente, sem substituir os alimentos, mas também potencializando a produtividade dos alimentos. Os resíduos da produção podem ser usados como fertilizantes ou alimento para o gado. Isso só pode ser feito se o agricultor destinar apenas uma parte de suas terras para a agroenergia, e ao mesmo tempo, construir pequenas usinas. Fazer de forma cooperativada, ser dono de uma micro-usina, que pode ser feita pelas cooperativas de metalúrgicos, o que seria, inclusive, um exercício de complementaridade. Assim, podemos produzir energia sustentável, que dê mais renda e cidadania. Temos que criar em cada município pólos de produção de energia para que o agricultor familiar não dependa mais da Petrobras. Se fizermos isso em todo o Brasil, vocês vão ver que o povo vai se apoderar. Não existe independência política e econômica sem soberania alimentar. Precisamos produzir nossa própria energia.

XX

SEMINÁRIO ECONOMIA SOLIDÁRIA

Agricultores apresentam iniciativas vitoriosas de autogestão

Durante seminário realizado em Maringá, foram mostrados os resultados obtidos por diversas cooperativas de agricultores familiares do Paraná. Também foi apresentado o projeto Incubadora de Cooperativas, feito em parceria entre a academia, o poder público e os agricultores.

Maurício Thuswohl

MARINGÁ - Durante o seminário Economia Solidária, Soberania Alimentar e Agroenergia, realizado em Maringá (PR) na quinta-feira (8), foram apresentadas algumas iniciativas de autogestão protagonizadas pelos agricultores familiares e assentados da reforma agrária no Paraná. Foram discutidas iniciativas bem-sucedidas de organização dos trabalhadores em cooperativas para a produção de alimentos e a realização de projetos para inserir a produção de agroenergia no contexto da economia solidária. Também foi apresentado o programa desenvolvido pela Unitrabalho, pela Universidade Estadual de Maringá e pelo Governo do Paraná, com o apoio do governo federal, para desenvolver uma incubadora de cooperativas de agricultores familiares no estado.

Representante da Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (Copavi), que tem sede no município de Paranacity, Valmir Strozake narrou a história vitoriosa do assentamento do MST que já existe há 15 anos na região e reúne 90 pessoas de 25 famílias: "Nosso assentamento é coletivo. Lá, a terra não foi dividida e os meios coletivos de produção pertencem a todas as famílias. Quando chegamos, tudo estava completamente cheio de cana, e tivemos que recuperar a terra degradada e organizar o assentamento de forma cooperativada", disse, dando sua receita para o sucesso da Copavi: "Respeito ao meio ambiente, organização coletiva e economia solidária, com as relações de trabalho entre as pessoas acontecendo sem exploração e com a justa distribuição da renda obtida com o trabalho realizado dentro do assentamento. É o que nos norteia e mantém a cooperativa viva para que possamos ir adiante".

Strozake enumera os vários itens que compõem a produção da cooperativa: "Principalmente é cana, da qual fazemos açúcar mascavo e cachaça artesanal. Produzimos também leite, queijo e iogurte, hortaliças, legumes e confeitaria. Temos um refeitório comunitário e funcionamos em sistema de agrovila, todas as casas são próximas. As atividades se complementam para alimentar o gado e para a adubação. Tentamos criar um sistema integrado, com a mínima existência de insumos externos, para que o assentamento funcione de forma eficiente. A maior parte da produção é vendida mesmo em Paranacity, com a exceção da cachaça e do açúcar mascavo, que é venda nacional e exportação".

A Copavi se prepara, segundo Strozake, para "a luta com esse sistema predatório que a produção de agroenergia está se tornando", e quer fazer de Paracaty um exemplo de alternativa: "Faremos uma tentativa de produzir agroenergia para nossa própria existência, sem agredir o meio ambiente. Teremos produção de álcool e depois de biodiesel, a princípio para consumo interno e depois para tentar expandir. Temos vários desafios a enfrentar ainda, mas estamos desenvolvendo agora experiências mais práticas. É preciso criar novas formas de produção de agroenergia nos assentamentos e para a agricultura familiar como um todo", disse.

Outra história vitoriosa foi contada por Maristela Sanches, que é presidente da Bioleite, cooperativa de agricultores familiares dos municípios de Cruzeiro do Oeste e Itapejara d'Oeste: "Vimos a injustiça no campo e resolvemos nos unir para mudar. Não tínhamos noção do que fazer, aí nos falaram da Unitrabalho. Depois, fizemos contato com a Emater e começaram a fazer reuniões com a gente". Ela narrou os percalços enfrentados pelos agricultores familiares que tentavam se organizar: "Diziam que nosso leite não valia nada, mas tivemos fé e o pessoal foi ajudando a gente. Quando tentamos, disseram que não podíamos registrar a cooperativa, mas o advogado da Unitrabalho disse que sim. É importante estar dentro da lei e fazer as coisas certinhas. Buscar ajuda com pessoas competentes, que estudaram pra isso", aconselhou.

Maristela avaliou que a Bioleite ainda tem grande possibilidade de crescimento: "A gente ainda não industrializa nosso produto, a gente só se juntou para vender junto. Falta recurso, mas a gente se ajuda", disse, antes de exemplificar como o agricultor familiar, ainda que indiretamente, pode integrar a cadeia de produção de bioenergia: "Produzir biocombustível talvez não seja o nosso foco, mas o resíduo dessa produção pode nos ser útil, como a torta resultante do esmagamento de algumas plantas que podem servir para alimentar o gado".

Controlar a produção

Saturnino José, do MST, falou sobre a experiência da Coana, cooperativa de agricultores assentados localizada no município de Querência do Norte: "O objetivo é que a Coana seja uma cooperativa regional, discutida para organizar e fortalecer a produção, por isso queremos alcançar outras brigadas do MST, como a Sétimo Garibaldi e a Sebastião da Maia. Temos 89 núcleos de produção, e 19 brigadas de 50", disse, antes de contar a história da Coana: "A cooperativa começou com o intuito da comercialização, pois achamos que o resultado da produção deve ficar com quem produz. A gente produzia queijo e comercializava, e agora estamos nos organizando para capacidade de 40 mil litros de leite por dia. Compramos uma máquina de beneficiamento de arroz, para comercialização na Região Oeste do Paraná".

Saturnino falou sobre as expectativas dos trabalhadores da Coana frente à expansão dos biocombustíveis: "Queremos montar pequenas unidades para industrializar e dominar essa produção. Ao invés de fazer a monocultura de cana, pode se diversificar com vários outros produtos que também possam produzir combustíveis. É preciso não concentrar a riqueza produzida por essa agroindústria nas mãos de um único dono ou dessas multinacionais que vem pra cá explorar a mão de obra e levar a riqueza. Precisamos ampliar o número de assentamentos e de famílias assentadas para que possam ter um sonho concreto para o futuro", disse.

Homero Boucinha, da Rede Biobrasil, também falou de suas expectativas sobre a cadeia produtiva agroenergética: "Para ter poder econômico e fazer uma revolução na agricultura brasileira, temos que ter redes, associações e contatos com o exterior. Se o agricultor apenas vender a matéria-prima, estará vendendo apenas seu trabalho. Não é um produtor, mas um empregado da agroindústria. Temos que lutar para que os agricultores familiares se tornem proprietários da cadeia produtiva e alcançar uma meta de instalação de uma

agroindústria de óleo vegetal e ração animal em associação, na base de 25% para 75%, com desenvolvimento da pecuária leiteira, diversificação da produção em equilíbrio com o meio ambiente, inclusão digital e elevação do nível técnico dos agricultores. Temos que aliar práticas agrosilvopastoris, o que é ecologicamente correto, com a agroindústria, que é economicamente viável, e a economia solidária, que é socialmente justa”.

Incubadora de cooperativas

Selene Tonela, professora da Universidade Estadual de Maringá e da Unitrabalho, falou sobre a Incubadora de Cooperativas desenvolvida em setores como a reciclagem de lixo, a alimentação e o artesanato: “Desde 2003 existe algum aporte financeiro para nossas ações, por isso estamos consolidando o complexo de lixo de Maringá e região, além de desenvolver o projeto de apoio a incubadoras de empreendimentos solidários”, disse.

A professora falou sobre a organização de oficinas de economia solidária e de agroecologia para debater junto com os agricultores familiares temas como oleaginosas, etanol, biogás, biomassa e aquecimento solar: “Fazemos um diagnóstico para saber as potencialidades e opções de cada comunidade. Esse diagnóstico é sempre participativo, pois não basta ter condições econômicas de produção se aquela comunidade não tem interesse nesse tipo de transição”. A professora citou três fases dessa preparação: “Primeiro vem a elaboração coletiva de um plano de negócios, que é fundamental. Depois, é preciso capacitar os produtores na parte mais técnica. A terceira etapa é partir para a ação objetiva”.

Presidente da Unitrabalho, Francisco Mazzeo disse que o objetivo de promover a produção agroenergética através de programas de capacitação é buscado em duas etapas: “Primeiro, seria um estudo de viabilidade, preparação e elaboração de planos para cada assentamento, trabalho de planejamento que tem que ser construído coletivamente. A segunda etapa é consolidar três unidades agroindustriais”. Roberto Terra, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, garantiu o apoio do governo federal à iniciativa paranaense: “O MDA está apoiando esse grupo gestor, toda a primeira fase do projeto e os estudos de viabilidade”, disse.